



Memórias indecifráveis em *Írisz*: as orquídeas, de Noemi Jaffe

Indecipherable memories in *Írisz*: Noemi Jaffe's orchids

André de Souza Pinto*

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte, Brasil
andre.sphn@hotmail.com

Resumo: No romance *Írisz: as orquídeas*, de Noemi Jaffe, publicado em 2015, uma imigrante húngara que se muda para o Brasil, abandonando, nesse movimento, sua terra natal, sua mãe e um companheiro. Em São Paulo, no Jardim Botânico, a narradora dedica-se ao estudo das orquídeas, flores que serão metáfora dessa personagem flutuante e exilada, cujas raízes aéreas e parasitárias caracterizam o seu caráter errático. Além disso, aliado à mutabilidade da protagonista, que evita enraizar-se nos lugares, o seu estudo sobre as orquídeas traduz uma análise da língua, um traço que parece marcar a narrativa de *Írisz*. Desse modo, esta comunicação analisará, a partir das orquídeas, a ficcionalização de uma história familiar e a elaboração de memórias fragmentadas, dispersas e indecifráveis.

Palavras-chave: Noemi Jaffe. Exílio. Memória.

Abstract: In Noemi Jaffe's novel *Írisz: as orquídeas*, published in 2015, a Hungarian immigrant moves to Brazil, abandoning, in this movement, her homeland, mother and partner. In São Paulo, at Jardim Botânico neighborhood, the narrator voice is dedicated to the study of orchids, flowers that will be a metaphor for this floating and exiled character, whose aerial and parasitic roots characterize her erratic character. Furthermore, together with the mutability of the protagonist, who avoids taking roots, her study of orchids translates into an analysis of the language, a trait that seems to mark *Írisz*'s narrative. Thus, this communication will analyze, from orchids, the fictionalization of a family history and the elaboration of fragmented, dispersed and undecipherable memories.

Keywords: Noemi Jaffe. Exile. Memory.

Tudo está do lado de fora, numa memória que habita as ruas, as casas, os calçamentos, as estradas, o ar, as árvores, os insetos, o lixo, as portas, as janelas, os bares e as comidas. Olhando, cheirando ou escutando bem, pode-se ouvir com razoável nitidez o murmúrio dos dias que passaram e que ainda estão passando.

(Noemi Jaffe)

* Doutorando em Literaturas Modernas e Contemporâneas pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas.



O romance *Írisz: as orquídeas*,¹ publicado em 2015 por Noemi Jaffe, narra a história de Írisz, uma imigrante húngara que se muda para o Brasil, abandonando, nesse movimento, Budapeste, sua terra natal; Eszter, sua mãe, e Imre, seu companheiro. O exílio não permite, no entanto, que o passado seja esquecido. No Jardim Botânico de São Paulo, a narradora dedica-se ao estudo das orquídeas, entretecendo as suas memórias a uma correspondência metafórica com traços que compõem as flores que analisa.

A epígrafe do romance, “Sentiam-se em casa, em sua ausência de casa”, retirada da obra de Joseph Roth, e a dedicatória, “A minha mãe, meu pai e todos os que foram e são obrigados a fugir”, evidenciam o tema do exílio e a presença de memórias que compõem e marcam, no enunciado, a vida de Írisz e o espaço narrativo, e, em outro nível, na enunciação, delineiam a urdidura de um texto que é perpassado pelas referências a um passado judaico europeu, mesmo em terras brasileiras.

Na obra de Jaffe, cuja mãe foi prisioneira em Auschwitz, a língua, a comida, a movência e a identidade alicerçam uma ancoragem judaica, ainda que, no romance *Írisz: as orquídeas*, a personagem não seja explicitamente judia. Todavia, em *O que os cegos estão sonhando?*,² publicado em 2012, a escritora põe em cena uma narrativa múltipla, que se inicia com um diário escrito por sua mãe, Lili Jaffe, retratando o período vivido no campo de concentração; as reflexões poéticas da escritora acerca das memórias maternas e, por último, um texto de Leda Cartum, que, ao lado de sua mãe, Noemi Jaffe, urdem, no sentido do texto que se tece, a história familiar.

Se a memória habita, portanto, a rua, a casa, a comida e tudo mais que está em torno da personagem, e, por extensão, à narrativa, a “casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço habitado transcende o espaço geométrico”,³ conforme afiança Gaston Bachelard, assim, a morada de Írisz não se limita a casa ocupada por russos na Hungria, mas perpassa o seu relato no Brasil, que, elaborado a partir de memórias, dá sobrevida a história da narradora e torna-se, desse modo, um passado que parece não passar e “preenche o presente”,⁴ uma “repetição escoando no espaço, entrando em renovação, mas também em desgaste e desuso”.⁵

A estrutura do romance, nesse sentido, entrelaça múltiplos narradores. Em primeiro plano, Írisz entremeia a sua história aos relatórios científicos acerca das orquídeas, mesclando impressões e metáforas típicas das flores às memórias pessoais e ao

¹ JAFFE, Noemi. *Írisz: as orquídeas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

² JAFFE, Noemi. *O que os cegos estão sonhando?* São Paulo: Editora 34, 2012.

³ BACHELARD, Gaston. Casa e universo. In: _____. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 62.

⁴ JAFFE, 2015, p. 183.

⁵ JAFFE, 2015, p. 219.



contexto sócio-histórico da Hungria; num outro nível, Martim Gonçalves que aparece, por sua vez, como chefe do Jardim do Botânico, e que, na ausência de Írisz, não se reconhece naquilo que escreve;⁶ Já a narrativa de Ignác, o pai da narradora, irrompe como uma oposição ao presente e, assim, conduz a filha rumo ao passado familiar, a uma trama confusa na qual ela é a personagem da própria vida.

As orquídeas, metáfora recorrente de Írisz, deixam vislumbrar o caráter flutuante e exilado da personagem. Como se sabe, as raízes aéreas e parasitárias dessas plantas determinam sua característica errática. Na trama do romance, esse traço, peculiar à orquídea, será aproximada às referências ao húngaro, a língua, que parece configurar a base que sobreleva a narrativa de Írisz. O húngaro, na voz da narradora, revela as memórias da terra natal trançadas a vida nova no Brasil.

A ficcionalização de uma história familiar e a elaboração de memórias fragmentadas, dispersas e indecifráveis compõem, portanto, a estrutura e o modo narrativo adotados no romance, cuja aproximação entre Írisz e as orquídeas estabelece uma relação de semelhança e dessemelhança, já que “uma coisa é e ao mesmo tempo não é, então ela pode ser outras”,⁷ segundo relata a personagem. Essa avaliação conduz o leitor a um labirinto verbal, e pessoal, que, às vezes, torna o texto plenamente inacessível e as memórias, no relato, apenas parcialmente vislumbradas.

Como as orquídeas, a narradora confessa que se alimenta dos “restos de outros seres espalhados por aí”,⁸ e, ao se apropriar do cenário paulistano e da língua portuguesa, reconhece ressonâncias com a vida e a língua materna, adaptando-as e transmutando-as ao presente. Desse modo, semelhantemente à ilangue-ilangue, uma orquídea falsa, o pertencimento não se realiza, principalmente nos relatos de Írisz, já que a sua condição de estrangeira e o seu vínculo com o passado a impedem de enraizar em outro lugar que não Budapeste. No seu relato, essa impossibilidade aparece de forma pungente:

Fixo a flor contra o vidro para ver o contraste entre o violeta e o amarelo e me lembrar de novo, depois de tanto tempo, que estou no Brasil. O atrito entre essas cores me faz sentir o quanto este lugar é mesmo este lugar e, também, o quanto eu não sou e não posso ser daqui, porque, diferentemente dessas cores tão fortes e claras, eu sou opaca.⁹

O duplo real/falso retrata, então, nesse caso, a existência de Írisz, que, como exilada, mantém as características dos outros desterrados, “eternos imitadores, um pouco

⁶ JAFFE, 2015, p. 68.

⁷ JAFFE, 2015, p. 132.

⁸ JAFFE, 2015, p. 12.

⁹ JAFFE, 2015, p. 210.



palhaços, envergonhados e irônicos”,¹⁰ que, apesar de ajuntar os restos e as sobras dos hospedeiros, não se metamorfoseiam no outro. Assim, se a transmutação não é possível, resta a Írisz, tornar-se, no âmbito da enunciação, a palavra que subsiste e se adere à narrativa, pois, no “fim das contas, a própria história se transforma em palavras”¹¹ e, desse modo, por intermédio da escrita, a narradora imagina ser possível, talvez, compreender o que se passa em sua vida e refletir sobre o futuro, ou apenas se “entranhar no presente”.¹²

Se a relação com a palavra e com a memória, por um lado, permite o reconhecimento e o pertencimento da personagem, por outro, é o que evidencia, ao mesmo tempo, a imagem distorcida entre Írisz e sua mãe. Nesse espelhamento, a decadência materna, devido à senilidade que a fez ser abandonada em um sanatório, torna-se aquilo que Írisz confronta e que faz com que, nesse movimento, a narradora se aproprie da orquídea como metáfora possível para a sua vida:

Sempre achei as orquídeas melhores do que as outras flores, por causa das raízes aéreas que permitem que elas se espalhem, que aproveitem dos outros o que eles têm de melhor e que possam crescer sem se fixar. O que se fixa não suporta a novidade e fica grudado em repetições.¹³

Esperar a repetição da ruína física e o fim nefasto da revolução é, portanto, o que move Írisz na direção contrária e dá, então, força à palavra como forma de sobrevivência e um meio de não se enraizar, ainda que no exílio.

O emudecimento da mãe, que vai, aos poucos, “desaparecendo enquanto nós desaparecíamos aos seus olhos”,¹⁴ tornando-se, assim, vazia e, também, permissiva para a fuga da filha, é, paradoxalmente, aquilo que a narradora parece buscar. Em um trecho do romance, Írisz menciona a expressão “*Temetni tudunk*”,¹⁵ cuja tradução literal pode ser “Sabemos enterrar”.¹⁶ A frase usada pela mãe no Dia de Todos os Santos, ou seja, no dia dedicado à lembrança dos mortos, vai tornar-se uma espécie de refrão, por escutá-la “inúmeras vezes, como um cântico, um coro ou um rosário, até entranhá-la e transformá-la numa segunda natureza”.¹⁷ Todavia, explicitamente, não se tem, no romance, o relato do ato fúnebre e o abandono metafórico do passado, mas, a presença

¹⁰ JAFFE, 2015, p. 215.

¹¹ JAFFE, 2015, p. 205.

¹² JAFFE, 2015, p. 171.

¹³ JAFFE, 2015, p. 216.

¹⁴ JAFFE, 2015, p. 53.

¹⁵ JAFFE, 2015, p. 73.

¹⁶ JAFFE, 2015, p. 73.

¹⁷ JAFFE, 2015, p. 73.



reiterada de memórias que são metaforizadas com o espraiamento das raízes das orquídeas.

A incapacidade de se enraizar de todas as personagens, mas sobretudo, em Írisz, traduz-se, ainda, no seu nome. No emaranhado de letras que compõem a palavra que a designa, Írisz perpetua, por meio da letra “s” e da letra “z”, a semelhança entre ela e a sua mãe, cujo nome também seria composto pelas duas letras. Segundo Ignác, o pai da personagem, “Írisz” “era uma palavra que existia em muitas outras línguas, mas ao mesmo tempo era muito húngaro e era isso que nós queríamos: uma menina da Hungria e do mundo”,¹⁸ o que torna a sua origem, desde o princípio, movente e instável.

Vale lembrar, ainda, que essa instabilidade está dada nos múltiplos significados da palavra “íris”. De acordo com o dicionário, ela pode designar: a membrana circular do olho; o espectro do sol, o arco-íris; um halo de luz que aparece ao redor dos objetos; uma pedra que tem reflexos irisados; uma espécie de borboleta, ou a pigmentação que circunda as suas asas, entre outros.

Noemi Jaffe, nesse romance, ao entrecruzar memórias pessoais e familiares a um saber botânico e científico, conduz o seu leitor a uma viagem espacial, temporal e metafórica, e a orquídea apresenta-se como uma imagem poética do exílio, da errância e, ao mesmo tempo, da necessidade, muitas vezes suspensa, de uma identidade. Cuidar dessas plantas é, pois, segundo a narradora, uma maneira de entender o agora, compreender o tempo e analisar o que o faz único. Para o leitor, as orquídeas podem se revelar como uma forma possível de se olhar, com empatia, para nós mesmos e para os outros, como estrangeiros que somos, em nossa multiplicidade, nostalgia e, muitas vezes, inadaptabilidade.

Referências

BACHELARD, Gaston. Casa e universo. In: _____. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

JAFFE, Noemi. *Írisz: as orquídeas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

JAFFE, Noemi. *O que os cegos estão sonhando?* São Paulo: Editora 34, 2012.

KIRSCHBAUM, Saul. Literatura de testemunho, setenta anos depois. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p.145-158, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/23883/19312>. Acesso em: 11 jul. 2020.

QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência ou a literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

¹⁸ JAFFE, 2015, p. 197.



RODRIGUES, Breno Fonseca. Memória e testemunho: a fragilidade da narrativa em *O que os cegos estão sonhando?*, de Noemi Jaffe. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 10, n. 18, p.45-59, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/10605/pdf>. Acesso em: 11 jul. 2020.

Recebido em: 23/02/2021.

Aprovado em: 23/03/2021.